

Água, fé e emprego na viagem de FHC

Pablo Pereira
de Juazeiro do Norte

O sol brilha de 10 a 11 horas por dia no Vale do Cariri, sertão cearense, onde o candidato à reeleição Fernando Henrique Cardoso lançou sua campanha no Nordeste no fim da semana. São mais de 3 mil horas de insolação ao ano, mil horas a mais do que em cidades como a sulista Porto Alegre e quase 2 mil a mais do que a nortista Manaus. A umidade do ar é de 40%, a metade da registrada naquelas duas capitais. O Cariri tem uma das mais altas taxas anuais de evaporação do País: 2.078 milímetros (mm). Porto Alegre, 898 mm. Manaus, 1.351 mm.

A média de chuva no sul cearense, calculada em 30 anos, é de 1.176 milímetros. O déficit, de 902 milímetros. Para piorar, no inverno deste ano, de janeiro a abril, choveu somente 575 milímetros, menos da metade da média. E, além de todo o sufoco desses números, os sertanejos vão passar agora mais cinco meses esperando a água cair do céu.

Em meio a condições climáticas regionais tão rigorosas, a principal cidade do Cariri é Juazeiro do Norte. Assentada numa depressão da chapada do Araripe, a 40 quilômetros da divisa com Pernambuco, Juazeiro tem posição privilegiada. É uma espécie de oásis no sul do Ceará. Desenvolveu-se dentro do vale com 235 quilômetros quadrados, aproveitando-se das águas subterrâneas que sobem à superfície com facilidade, matando a sede da terra.

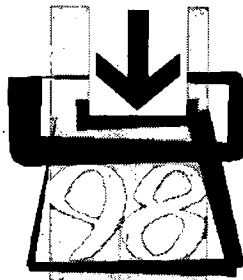
A cidade tem população estimada de 260 mil habitantes, mas nas festas santas de setembro, novembro, fevereiro e março os romeiros multiplicam por seis essa ocupação. É o santuário do milagreiro padre Cícero, enterrado na capela Nossa Senhora do Perpétuo Socorro, no centro. Político nenhum arrisca-se a fazer campanha eleitoral nessa área sem visitar o túmulo do líder espi-

ritual e fazer promessas. Não ao santo, que não vota.

Fernando Henrique não fugiu à regra. Depois de visitar uma obra federal em Ouricuri, em Pernambuco, ele fez comício em Juazeiro sexta-feira. No sábado, deixou o Cariri para conhecer um projeto de irrigação em Russas e Limoeiro do Oeste, região do rio Jaguaribe, a 50 km da divisa com Rio Grande do Norte. Antes de encerrar sua segunda viagem oficial de campanha e embarcar para São Paulo à tarde, o presidente foi à barragem do Castanhão, que tem capacidade para abastecer a região metropolitana de Fortaleza, atendendo 2,6 milhões de pessoas.

Na terra de padre Cícero, ao lado do governador Tasso Jereissati (PSDB), que lidera as pesquisas de

intenção de voto para o Palácio do Cambéba, Fernando Henrique cumpriu à risca o roteiro. Antes do comício foi à tumba do sacerdote recorrer "a um símbolo" caro aos nordestinos e falou sobre desejos sertanejos que ainda são vistos como dádivas divinas: água e empregos. O presidente disse que o governo estuda a transposição de águas do São Francisco. O processo deve ser con-



cluído em dez meses. "A água vai andar", afirmou o candidato a cerca de 20 mil pessoas na praça do Romeirão, estádio de Juazeiro. Depois, pediu a Deus que o ajudasse a dar emprego.

Fernando Henrique lembrou que havia estado em Ouricuri, na obra de uma canalização que deve transportar quase 485 litros por segundo de água captada no São Francisco, na

altura de em Orocó, na divisa de Pernambuco com Bahia, por cerca de 721 quilômetros, até Jaicós, no Piauí. O governo prevê que a adutora vá beneficiar 227 mil pessoas de 13 municípios em Pernambuco e mais seis cidades no Piauí. O investimento do Departamento Nacional de Obras Contra a Seca (DNOCS) é de R\$ 120 milhões.

Segundo o DNOCS, 40% da obra está realizada. Iniciado em 1993, o projeto esteve paralisado por mais de ano, sendo retomado em 1995. A adutora deve estar concluída em dezembro de 1999. O trecho de Ouricuri, visitado por Fernando Henrique Cardoso na companhia da cúpula do PFL pernambucano, entre eles o vice-presidente Marco Maciel e o ministro do Meio Ambiente, dos Recursos Hídricos e da Amazônia Legal, Gustavo Krause, está orçado em R\$ 18 milhões.

As margens dos 140 quilômetros que separam Ouricuri de Juazeiro, a estiagem matou a vegetação da caa-

tinga. Árvores retorcidas seçaram até a raiz. Os morros estão cobertos de uma vegetação ressecada. Jegues vagam soltos à beira da estrada à procura do verde agnizante.

Em Caririaguá, município vizinho de Juazeiro, a seca não poupou quase nada. Técnicos da Empresa de Assistência Técnica e Extensão Rural do Ceará (Ematece) calculam as perdas com um lamento. O algodão quebrou em 60%. O feijão, 70%. O arroz de sequeiro e o milho, 80%. Caririaguá tem 22 mil habitantes está a 27 quilômetros de Juazeiro e é um dos mais pobres dos cerca de 30 municípios que formam Cariri. Mas os candidatos não foram a Caririaguá. Preferiram ficar a maior parte do tempo em Juazeiro, que é um centro de atração não só de romeiros. Distante cerca de 600 quilômetros de capitais como Fortaleza e Recife, Juazeiro concentra o comércio e tem mais de 120 mil eleitores.

Entre eles, o microempresário Francisco de Assis de Alencar Freitas, de 32 anos, casado, com três filhos. Assis tem uma fábrica velas em Juazeiro. Com produção familiar e um fusca ano 82 para a distribuição da mercadoria, ele sonha com um financiamento pedido em maio no Banco do Nordeste para ampliar a produção. Quer comprar duas máquinas fabricadas em São Paulo. Pediu ao banco um empréstimo de R\$ 26 mil. Assis produz 30 caixas de velas por dia. Vende mais de 200 caixas de dez unidades por mês. O faturamento na época das romarias pode chegar a R\$ 10 mil mês.

No início, contou com a ajuda do padre Cícero. Raspava a cera de velas queimadas pelos romeiros, lavava o material e refazia as velas. "Depois, as coisas foram melhorando", conta. Ele comprou terreno e construiu casa, que não tinha. Levantou também o prédio onde trabalha em duas máquinas compradas por R\$ 3 mil cada, à prestação.